

O princípio da filosofia grega como *physis*

The principle of greek philosophy as physis

Rodrigo Amorim Castelo Branco

Doutorando em Filosofia na Universidade de Brasília

rodrigocasbranco@gmail.com

Resumo: A partir do prisma meditativo de Heidegger, este texto tem como perspectiva central argumentar acerca da experiência grega de *physis* para além de qualquer concepção subjetiva de poder. O objetivo é discutir sobre o seu modo autônomo de essenciação que não necessita de suporte humano para florescer. *Physis* atua a partir de seu desvelamento e assim doa ser à existência. Entre os gregos, ela é o solo originário que permite possibilidades de ser no mundo. A flor, o fruto, o rio e tudo que perdura só podem continuar a existir ou ter o seu fim porque há uma vigência que antecede toda e qualquer presença. O seu nome é ser. No primeiro princípio do pensamento Ocidental, ele é chamado pelos filósofos da natureza de *physis*. O pensar antigo acolhe e respeita essa força originária como essência vital que movimenta a totalidade do cosmo, mas que também permite o silêncio e o repouso. Em outros termos, os gregos originários experienciam o fundamento sem perspectiva de cálculo ou vontade de domínio.

Palavras-chave: *Physis; Ousía; Ser; Natureza; Princípio.*

Abstract: *According to Heidegger's meditative prism, this text has as its main perspective to argue about the Greek experience of physis beyond any subjective conception of power. The objective is to discuss about its autonomous mode of "essentiation", which doesn't need human support to bloom. Physis acts from its unveiling and, this way, it donates being to the existence. Between the Greeks, it is the originating soil that grants possibilities of being in the world. The flower, the fruit, the river and everything that lasts can only maintain its existence or have its end because there is a validity that precedes any presence. Its name is being. In the first principle of Occidental thought, it is called by the nature philosophers of physis. Ancient thinking receives and respects this originating force as the vital essence that moves the whole cosmos, but it also allows the silence and the repose. In other terms, the originating Greeks experienced the fundament with no perspective of calculus or domain will.*

Keywords: *Physis; Ousía; Being; Nature; Principle.*

Considerações preliminares

Acompanhando o passo atrás (*Schritt zurück*) que Heidegger efetiva em direção ao modo de vigência da verdade entre os gregos, busco discutir acerca dos principais aspectos da *physis*. Esclareço, durante o texto, que as interpretações posteriores que a tradição faz de *physis* não se aproximam do que realmente é elementar a essa palavra. Embora ela possa significar natureza, não se trata de um elemento físico que possa ser calculado e domado pela postura materialista de cientistas e físicos modernos. A natureza que *physis* evoca pode ser interpretada como presença, no entanto, tendo em vista uma presença indeclinável que frequentemente atua em ausência, permitindo velamentos e retrações. Trata-se de uma força doadora de ser que fundamenta a realidade por meio de sua constrição. É, de fato, um jogo de presença-ausência, vir-ir, estar e não-estar no aqui e agora. É desse modo que a existência eclode para os gregos (pensadores da *physis* ou pensadores originários)¹ que antecedem a filosofia platônica, habitualmente chamados pré-socráticos.

Para os gregos que antecedem a estreia do pensamento platônico, *physis* é originária. Tem valor excepcional de verdade e necessita de deferência, embora ela possa, retraída, permitir aparências, desarranjos e efígies. Tudo isso, para eles, não é problema a se combater uma vez que *physis* floresce em seu próprio acordo, propiciando a existência de entidades das mais variadas formas. Ela alicerça o real e o aparente, o visível e o invisível. É a partir da ideia de correção (*orthótes*) e adequação (*homoíosis*), advindas do platonismo, que *physis* é rebaixada ao nível de irrealidade ou de aparência. A *idéa* começa a julgar a natureza. O pensamento originário é ameaçado e a *physis* passa a ser corrigida, perdendo o lugar primário na fundação da existência. Aqui, não está em questão o *pólemos* entre Platão e pensadores da *physis*. Só pontuo esse conflito filosófico, dado que ora ou outra o cito nesse escrito. Também, porque ajuda o leitor a visualizar a dimensão original de *physis* e o que dela foi feito com o passar das epocalidades.

O intento aqui é tratar exclusivamente da *physis* como re-velação que vige e doa ser aos entes. Nesse sentido, a interpreto como ser entre os gregos, uma vez que ela é o fundamento do cosmo e, por conseguinte, da facticidade humana. *Physis* aparece como subjacência, aquilo que subjaz ilesa às transmutações da terra. O ente singular nasce, floresce e tem seu fim. *Physis*, como suporte existencial, está sempre a brilhar, embora os gregos saibam que os seus lampejos não podem ser mirados por um olho com perspectivas de domínio.

Por um lado, argumento acerca da natureza que não pode ser calculada e predicada. Por outro, há, sobretudo a partir da Modernidade, o prisma de domínio dessa dimensão. Nesse sentido, é vetado à *physis* vigorar por si mesma, sendo levada, forçosamente, a seguir os caminhos que o ente humano instaura. Seria como desviar o curso do rio

1 Heidegger não considera todos os filósofos da natureza como filósofos originários. Apenas o são Anaximandro, Heráclito e Parmênides, já que esses pensadores têm uma compreensão elementar do princípio a partir da *alétheia* como caráter essencial da *physis*. Como esclarece Carneiro Leão, "São, sobretudo, três os pensadores originários: Anaximandro – Parmênides – Heráclito, com Tales como 'princiipiador'! Há outros filósofos, como Xenófanes e Anaxágoras, Empédocles e Demócrito, mas cujo esforço já começa a se concentrar mais em *conhecer* do que em *pensar*" (CARNEIRO LEÃO, E. *A história na filosofia grega*. In: *Scintilla: Revista de Filosofia e Mística Medieval*, p. 8, 2004, grifos meus).

ao arbítrio do sujeito. Ou como diz Heidegger, colocar o rio dentro da represa. Isso indica que a técnica tetifica a *physis* e a controla para modernos e contemporâneos. Mas, nesse texto, desmistifico que *thésis* esteja contra-posta à *physis* entre os gregos originários. Essa contra-posição surge no curso do tempo e não na Antiguidade. Para os pensadores da natureza, *physis* é sua própria *thésis*. Ela mesma irrompe e medra na existência sem maquinação subjetiva. O domínio sobre ela se instaura quando a *téchne* desconsidera a sua autotetificação e a natureza ontológica deixa de ser *ousía*, isto é, o defronte, a presença indeclinável doadora de ser aos entes. Seguindo essa perspectiva, as duas seções desse artigo abordam e desenvolvem as questões aqui sinteticamente apresentadas.

O princípio *physis*

Anterior à gênese da metafísica platônica há a permanência do primeiro princípio do pensamento que se chama *physis*. Esta precede o cenário ontológico no qual a tradição esteve amplamente fixa (ser corrigido ao *aspectus*, à *idéa*). No curso bimilenar da cultura ocidental, pensadores da *physis* experienciaram o fundamento prévio de todas as presenças como *physis*. Posteriormente, o pensamento platônico foi capaz de trazer à luz o vigor da *idéa* como o fundo doador de ser aos entes. Aristóteles pôde apresentar o entendimento acerca da *entelécheia* no sentido de modulação formal da matéria. As filosofias patrística, escolástica, moderna e contemporânea tiveram a possibilidade, também, de se posicionar metafisicamente. Porém, a perspectiva essencial de Heidegger frente a essas filosofias e às distintas epocalidades históricas, evidencia que nenhuma é produto direto da humanidade, mas que todas são inauguradas a partir do modo pelo qual o ente recepciona os envios do ser. A filosofia pertence ao desvelar-se da realidade histórica e o ente, enquanto sítio do pensamento (*Ort des Denkens*), é o seu partícipe vital. A história não é uma mera produção que tem origem na mente dos filósofos. Antes, ela emerge de um acometimento do ser em dimensão ôntica, fazendo a entidade pensar a partir desse choque ontológico.

Poder-se-ia perguntar pela importância e necessidade de dar o passo de volta à experiência grega de *physis*. Essa pesquisa poderia ser tida como um simples ato de curiosidade sobre a visão de natureza dos antigos. Mas esclareço que esse termo complexo (*Sachverhalt*)² e laborioso de se compreender, ao qual a filosofia esteve atenta vela, em si, sentidos importantes acerca da verdade do ser (*Wahrheit des Seins*). Ademais, as fundamentações ontológicas clássicas e pós-helênicas têm como esteio inicial justamente a interpretação de *physis* para “fundar” suas vias de pensamento.

Physis é o termo fulcral e norteador da filosofia antiga anterior ao platonismo. Aprender essa palavra em sentido do que é físico ou natural segundo a representação científico-técnica de hoje nos distancia, consideravelmente, de seu caráter originário. Tratá-la como elemento material é uma postura das tradições ulteriores ao pensamento grego, nas quais a vigência inicial da *physis* é desfeita. Por essas razões, tenho em

2 O termo utilizado por Heidegger indica “o complexo temático, complexo do que está em causa”. (Cfr. *Caminhos de Floresta*, 1977, [p. XXX]). No caso dos gregos antigos, o que está em causa ou em questão (*Sache*) é justamente o ser como *physis* e o seu caráter essencial de desvelamento.

consideração a sua compreensão principal para demonstrar o que ela representou aos antigos.

Aristóteles (192b32) evidencia, em *Física I e II*, o que o termo *physis* significa:

[...] Todas as coisas são substância, pois são um subjacente, e a natureza sempre reside num subjacente. São “conforme à natureza” tais coisas e tudo que lhes pertence devido a elas mesmas – por exemplo, para o fogo, locomover-se para o alto: de fato, isso não é natureza, nem tem natureza, mas é por natureza e conforme à natureza. (ARISTÓTELES, 2009, p. 44)

Fogo não é natureza. É um elemento conforme à natureza, isto é, cunhado pela *physis*. *Physis* é o que possibilita eclosão aos entes, mas não é um ente propriamente dito. Ela evoca o que se apresenta ou se ausenta a partir de si mesma. Representa o vigor dominante, a subjacência da natureza, o que faz brotar existência. Ela é ser, que vige no ente como um todo, uma vez que indica a unidade comum e originária que reúne, em si, a movimentação do que vem a ser e do que deixa de ser, bem como o repouso do que se detém e permanece.

Os chamados filósofos da *physis* não promoveram a divisão da realidade em dois grandes polos dualísticos, definindo-os como real transcendente e imanente, verdadeiro e aparente, eterno e temporal. Para eles, tanto as sombras como a iluminação do Sol são modos e manifestações de uma realidade ímpar e original, já que procedem da própria *physis*, abertura franqueadora de toda realização e desrealização, de toda ordem e desordem. A própria aparência (*Erscheinung*) ou sombreamento das coisas é, para os gregos, um modo de ser próprio da natureza, que permite presenças e ausências. Isso indica o quanto ingressam na unidade originária da totalidade do real. É a tradição racionalista que vê nas aparições oriundas da sensibilidade apenas fracos fenômenos, aparências distantes da clareza e evidência. Esquece-se que a totalidade desses fenômenos advém da própria emanação do mistério do ser. A esse respeito, Heidegger esclarece:

[...] a “história” repousa sobre a “natureza”, mesmo se concebermos a história a partir da “subjetividade” humana e como “espírito”, deixando, assim, que a natureza seja determinada pelo espírito, mesmo ali, na essência, ainda e já se pensa também, juntamente, o *subiectum*, o ὑποκείμενον, isto é, a φύσις (HEIDEGGER, 2008, p. 253).

O espírito e o seu devir têm como esteio fundamental a própria natureza (*physis*). Mesmo que o espírito a module, o pressuposto originário no qual a história se respalda é o vigor essencial dos acontecimentos fundantes que se dão. Isso significa que a metafísica só pode se posicionar à medida em que pressupõe a *physis* como o *hypokeímenon* incontornável do pensar. A metafísica, em vista da superação do campo físico, não se aparta abruptamente da *physis*, mas nela se respalda para tentar modular o ser. Ou seja, no primeiro princípio, o pensar é fruto da manifestação elementar. O pensamento não está defronte do ser: pertence a ele, surge de sua autoiluminação.

Para compreender o pensamento entre os gregos, é necessário esclarecer o que significa *lógos* e *légein*. Desde a filosofia helênica, interpretou-se *lógos* das mais distintas formas: ora no sentido de *ratio*, ora como *verbum*. Também significou o que é racional e lógico. Interpretar *lógos* dessa forma negligencia o sentido originário do termo. Para elucidar o étimo da palavra, na conferência *Logos (Heráclito, fragmento*

50) [Logos (Heraklit, Fragment 50, 1951, in *Vorträge und Aufsätze*, 1936-1953, GA 7] Heidegger expõe:

É do λέγειν que depreendemos o que é o λόγος. O que significa λέγειν? [...] λέγειν diz o mesmo que a palavra alemã *legen*, a saber, de-por, no sentido de estender e prostrar, propor, no sentido de adiantar e apresentar. Em *legen* vive colher, recolher, escolher, o latim *legere* no sentido de apanhar e juntar. (HEIDEGGER, 2001a, p. 184)

Légein compreende um de-por e pro-por recolhedores. Só a partir daí é que significa o enunciar, o falar e o dizer. A noção essencial do termo salienta o pôr uma coisa junto à outra, colocar em conjunto, ajuntar, apanhar e colher que se dão e acontecem em um juntar. No colher, há de-por e pro-por, pois tanto um como outro buscam o colocar, o depositar com comprometimento. Trata-se do prostrar algo, deixando disponível em uma reunião com outras coisas. Mas não se trata do colocar algo em conjunto com “outros bens”, largá-los e deixá-los ao acaso. Pelo contrário, aqui se fala em um de-por (prostrar) e pro-por (deixar disponível em um conjunto) em *preservação e em guarda*. Assim,

O único empenho do de-por e pro-por, como λέγειν, é deixar que o que se dispõe por si mesmo em um conjunto, seja entregue, como real, à proteção que o preserva disposto. Que proteção é esta? É a proteção da verdade. Pois o disposto em um conjunto está posto e de-posto no des-encobrimento, está instalado no des-encobrimento, é substrato subjacente no des-encobrimento, isto é, está abrigado pelo e no des-encobrimento. (HEIDEGGER, 2001a, pp. 186-187)

De-por e pro-por como *légein* tem o caráter de *alétheia* da *physis*. Não possui o caráter de *ratio* ou de lógica racional. *Lógos*, nesse sentido, é aquilo que protege a verdade. Verdade é o que se des-encobre: a própria *physis* como o que se des-vela ou se subtrai. *Lógos* acolhe os envios da natureza e os expressa no discurso. O real é deixado dispor-se em conjunto e o *légein* empenha-se em abrigar, ser a guarda do que se des-encobre. A vigência da *physis*, o subjacente, o *hypokeímenon* se manifesta aos entes e, por outro lado, o dizer e o discurso do humano acolhem e reúnem os ditos (doações) da *physis*. É por isso que o pro-por pode ser entendido como compromisso, comprometimento do *légein* em deixar o real dispor-se (manifestar-se) em conjunto e como recolhimento.

Légein significa um dizer que apanha e recolhe sentidos. Isso demonstra o profundo mistério de o dizer acontecer pelo des-encobrimento da vigência (verdade da *physis*), determinando-se conforme a disponibilidade que deixa os entes à disposição em um conjunto. Isso indica que o ente humano recebe uma con-vocação para o pensar. “Ora, o apelo que nos chega na fala é, em si mesmo, o que se dispõe e propõe recolhido numa reunião. Ouvir é propriamente este recolher-se, que se concentra num apelo e numa provocação. Ouvir é, primordialmente, auscultar, uma escuta concentrada” (HEIDEGGER, 2001a, p. 189). Mas o que isso significa: ouvir (*hören*) é auscultar? Auscultar indica a vigência de um conjunto de escutas. Todavia, escutar aqui não compreende meramente a utilização do aparelho dos sentidos ou dos ouvidos fisiológicos, mas a audição intrinsecamente pautada no espírito pertencente à voz que fala silenciosamente. Pertencer (*gehören*) ao silêncio nos faz ouvir (*hören*) um aceno singular. Como salienta

Heidegger (2001a, p. 190): “Nós só escutamos quando *pertencemos* ao apelo que nos traz à fala”. Isso indica o *légein* deixando o real disponível em seu conjunto, em seu revelar-se, em seu de-por e pro-por. *Légein* é o dizer agregador que permite um discurso acolhedor do ser, isto é, da *physis*. Nos termos de Heidegger:

[...] ὁ Λόγος, o *legen*, o de-por e pro-por, é o puro deixar dispor-se em conjunto o que, por si mesmo, assim se prostra. O Λόγος vige como o puro *legen* [...] que colhe, escolhe e recolhe no recolhimento de uma concentração. O Λόγος é, assim, recolhimento originário de uma colheita original a partir de uma postura inaugural. O Λόγος é postura recolhedora e nada mais. (HEIDEGGER, 2001a, p. 190)

Como se vê, Heráclito, como pensador originário, não tinha em vista o *lógos* como uma ferramenta subjetiva determinante do que se prostra, do que se dá a partir do des-velamento da *physis*. A vigência do *lógos* como puro *légein*, ao contrário, indica o deixar-ser manifestativo do que vigora. É recolhimento do que inaugura e estrutura o real. *Lógos* nada determina, define ou instaura, mas acolhe o que se dispõe e se prostra a partir do reino da *physis*.

Lógos e *légein*, nos quais o ente se apoia para acolher a manifestação da vigência que se acena, indica que a sua livre capacidade de reflexão não é autossuficiente, pois está em profunda conexão com o desvelar-se da realidade, com o de-por e o pro-por da postura inaugural do ser, que para os gregos é a natureza mesma, a presença que não declina. E o indeclinável é *physis*. Isso quer dizer que, quando pensamos, o fazemos porque ingressamos no caminho daquilo que se nos apresenta: ser em retração. Posto isso, para os gregos, pensar não é uma contraposição ao ser, mas advém dele. O pensar pertence ao ser (*physis*) e é um momento dele mesmo. Se o sujeito reflete, é porque *ele é* e o *ser se des-vela* para que o ente ex-sista.

Na conferência *O que quer dizer pensar?* [*Was heißt Denken?*, 1952, in *Vorträge und Aufsätze*, 1936-1953, GA 7], diz Heidegger:

O que cabe pensar desvia-se do homem. O que cabe pensar se retira para o homem à medida que dele se retira. O que se retira, porém, sempre já se nos mostrou. O que se retrai no modo de um retirar-se não desaparece. Como então saber o mínimo que seja a respeito disso que assim se retrai? Como sequer nomeá-lo? O que se retrai recusa o encontro. Retrair-se não é, porém, um nada. Retração é aqui retirada enquanto tal – acontecimento. O que se retrai pode concernir ao homem de maneira mais essencial e reivindicá-lo de modo mais próprio do que algo que aí está e o atinge e o afeta. (HEIDEGGER, 2001b, p. 116)

O humano pensa justamente porque o fundamento originário dele se retrai. Esse evento realça que o ausente (*Abwesende*) tem vigência até maior do que a força do presente (*Anwesende*). Trata-se de uma retirada que já se mostrou, tocando o ente. Por isso, Heidegger afirma que o ser eclode e se retrai em seu velamento, mas o seu rastro ontológico permanece. É esse *permanec(ido)*³ do ser que faz o ente pensar. Para os gregos, a própria *physis* é a permanência que, a partir de sua abertura, faz brotar o pensamento e a história dos povos. O pensar não vai *de* encontro ao ser, mas vai *ao* seu encontro, porque pensar assenta-se nele, é um momento dele mesmo, acolhendo-se

3 Grafo o termo *permanec(ido)* com o seu participio entre parênteses a fim de demonstrar o real caráter do ser: uma doação ontológica que só *permanece* entre os entes à medida em que se vai. Por isso, o ser é um *permanec(ido)*.

a verdade ontológica pré-judicativa⁴. Em face disso, lê-se, em *Introdução à metafísica* [*Einführung in die Metaphysik*, 1935, GA 40]: “É algo que, a respeito do Ser, mostra-o em si mesmo a partir dele mesmo. Em tal modo de considerar, devemos afastar do Ser todo aspecto de nascer e perecer” (HEIDEGGER, 1987, p. 124). Assim devemos proceder, pois *ser não é ente*, por isso não tem data de nascimento ou de morte, entretanto, tem a possibilidade constante de se desvelar em retração. É essa constância de desencobrimento que propicia o pensar: abrir-se, despontar-se e clarear-se (*lichten*) a partir da evidência do ser. Desse modo entenderam os primeiros pensadores gregos.

Acerca dessa compreensão, Fernandes salienta:

Já os primeiros pensadores experimentaram e pensaram o ser do que é, o *hypokeímenon*, quer seja chamado de *physis*, quer seja chamado de *lógos* ou de *hen*, ou ainda, simplesmente, de *einai*, como “*arkhé*” e “*hyparkhé*”. O *hypokeímenon* é “*arkhé*”, princípio, origem, no sentido do vigor imperante, originário, que erige e rege, sustentando e governando tudo; é “*hyparkhé*”, início, o que deixa e faz começar, a proveniência no ser e do ser de tudo aquilo que é. (FERNANDES, 2014, p. 130)

Em perspectiva distinta da tradição ontológica moderna, os gregos não entendem o ego como o próprio *hypokeímenon*. Entre eles não se sobressai a concepção de subjetividade imperante contra-posta ao objeto. Compreendem *hypokeímenon* como *physis*, natureza como o suporte *a priori*, ser pré-jacente a todo posicionamento do ente, demonstrando que a presença constante é o determinante para o agir dos entes bem como para o desenvolvimento do cosmo.

Os gregos entenderam o termo *theoría* como acolhimento da doação do ser, como aparição essencial e fundante em seu caráter de *alétheia* da *physis*. É na Modernidade que teoria se torna um recurso lógico-racional para a construção de sistemas e modelos explicativos que possam dar conta de definir e controlar os fenômenos de modo objetivante. Já o termo *theoría*, aqui, é radicalmente distinto do sentido que os modernos dão a ele. Como explicita Heidegger (2001c, p. 42) na preleção *Ciência e pensamento do sentido* [*Wissenschaft und Besinnung*, 1953, in *Vorträge und Aufsätze*, 1936-1953, GA 7], “*Φύσις* é *θέσις*, a saber, a pro-posição de algo por si mesmo, no sentido de pôr em frente, de trazer à luz, de a-duzir e pro-duzir, de levá-lo à vigência”. *Thésis*, o posicionamento essencial para os gregos, advém da presentidade da própria *physis*, de seu brotar e abrir-se. É a partir do próprio ser em seu des-velamento originário

4 “Ao perguntar pelo *sentido* do ser, Heidegger pensa em uma experiência globalizante ou totalizante que se manifesta no ser-aí em uma “dimensão” pré-predicativa, já que atemática. O ser é o elemento que permeia a multiplicidade dos entes que se dão ao ser-aí. Como todos os comportamentos do ser-aí já pressupõem o sentido do ser, até os saberes teóricos acerca dos entes já estão condicionados pelo ser” (CABRAL, 2015, n.p., grifo do autor). A verdade pré-judicativa é a instância ontológica que acomete cada ente, é a dimensão que se desvela no real, estrutura épocas e permite o vir, o advir e o sobrevir da história. A verdade pré-judicativa é a própria verdade do ser, expressa pela compreensão e pela linguagem do ser-aí. Acerca dessa questão, Marlène Zarader entende “que a verdade da enunciação [juízo predicativo do ente] é necessariamente segunda em relação à da aparição [verdade antepredicativa do ente]. O ente só pode ser enunciado tal como é (verdade predicativa) se já surgiu como tal, quer dizer, como aberto-revelado, para um comportamento ele próprio aberto. Só o ente assim *descoberto* pode tornar-se modelo ou medida de uma representação adequada. Compreende-se, assim, a formulação decisiva de *Vom Wesen der Wahrheit*: ‘A verdade não tem a sua residência original na proposição’” (ZARADER, 1990, p. 69, grifo da autora).

que se pode falar em qualquer tipo de postura do ente. Nesse sentido, *thésis* não se contrapõe à *physis*, mas torna-se guarda de sua verdade.

Physis, no prisma filosófico dos antigos, não indica uma parte unitária da realidade, mas compreende o ser de tudo o que é e não é. Essa realidade eclósiva não é o princípio apenas do que está presente, mas daquilo que não se “presenta”, do que ainda não está *sendo*. *Physis* é ser mesmo no *pólemos* entre presença e ausência, ser e não-ser, o que há agora e o que há de ser no constante devir de sua vigência. No texto *Introdução à Metafísica*, Heidegger demonstra que ela nos reporta ao verbo grego “*phyein*, brotar, que repousa em si mesmo, é *phainesthai*, luzir, mostrar-se, aparecer” (HEIDEGGER, 1987, p. 128). Indica eclodir, surgir, irromper, nascer, brotar, elevar, levantar. Em latim, a tradução desse termo é *natura*: abrir-se, nascer, provir, vir à luz. O que aparece e vem a ser, o que se apresenta e se torna atuante é principiado pelo ser como *physis*, bem como todo correr e fluir, que permite que as coisas se ausentem, promovendo o des-aparecimento de tudo aquilo que é e que deixa de ser. Trata-se de um evento vigoroso que conduz à dinâmica de ser e não-ser, de nascer e morrer, de vir a ser e de deixar de ser. “O Ser se essencializa como φύσις. O vigor imperante, que surge e brota, é aparecer [...] Tudo isso implica: o Ser, aparecer, deixa sair da dimensão do velado, do coberto” (HEIDEGGER, 1987, p. 129). Já a entidade é presença (*Anwesenheit*). O ente está *sendo* pelo desvelar-se do ser. Enquanto ser é vigência da realidade velada em sua essência, ente é o real revelado no âmbito do desencobrimento (*Unverborgenheit*).

Heidegger, para se aprofundar na ideia essencial de *physis*, retorna à *Física* de Aristóteles, na qual natureza é interpretada como mobilidade (*kinesis*). O fato é que todo ente está em movimento e em repouso, respectivamente, a partir da *physis*. Os entes provêm dela como coisas movidas e por ela são determinadas. O que é a partir dela são os diversos fenômenos como os animais, as plantas, bem como os elementos terra, fogo, ar e água. *Physis* é causa originária (*áition-aitía*), princípio (*arkhé*): o que rege o início, o meio e o fim de um devir, sendo “aquilo ao que se deve que um ente seja aquilo que é” (HEIDEGGER, 2008, p. 257). A causa originária necessita ser entendida como elemento primordial, mas não como causa material, nem como uma efetuação que atua causalmente – uma ação se tornando a causa de um efeito. Esse ainda não é o horizonte dos gregos.

O ponto de partida para a mobilidade e o repouso é *physis* como *arkhé*. As coisas só podem ser porque estão *no* movimento, o que indica que não estão só em movimento como *são* na mobilidade da *physis*. O real só é ente na medida em que tem nessa mobilidade a sua morada essencial. Só enquanto “o ser é presença. O vir-a-ser é o chegar à presença e o sair dela” (FERNANDES, 2014, p. 129). *Arkhé* não é um ponto de partida como um impulso que lança e projeta o que é impulsionado e, posteriormente, o abandona. Explica-se melhor fazendo referência ao que Heidegger indica como “o ente que cresce naturalmente”: uma planta. À medida em que ela inicia o seu crescimento, desenvolve-se e se expande, ela acaba, durante essa transformação, não saindo de si, mas retorna às suas raízes para se fixar ao solo e continua a medrar. Esse despontar do desenvolvimento é um retornar-a-si. É o modo de vigência da *physis*. Há o vigorar da planta a partir dela mesma, tendo a natureza como suporte.

A *thésis* pode se tornar contraponto à *physis* quando ela se converte em *téchne* moduladora do real. A *arkhé* da planta é *physis* enquanto, diferentemente, a *arkhé* de

uma casa é o saber-fazer (*téchne*), que necessita, primeiramente, de um produzir (*poiésis*). Este fornece, por exemplo, a madeira no aspecto mesa. *Téchne* pode vir ao encontro da *physis* para fazer artefatos, porém, ela jamais pode substituir o pré-jazer, a vigência da natureza. Quaisquer coisas que sejam confeccionadas, nenhuma delas possui a sua própria *arkhé*, isto é, a sua privativa eclosão. Pelo contrário, têm a sua origem a partir de fora, em outro ente que, por meio do seu saber-fazer, constrói uma habitação e outras realidades. É o feitor da construção, por meio de sua intenção e projeto, que realiza o ato de construir uma casa para residir. Ele detém o aspecto da casa – *idéa* – e, a partir disso, escolhe o modo de preparo dos materiais de construção. Todavia, quando está feita com base no fundamento que lhe foi assentado, a moradia não pode se recolocar em sua *arkhé*, já que ela não cria raízes e não retorna a si mesma como o faz a planta. Por não ter o seu próprio princípio em si mesma, ela não retorna a ele.

Como salienta Heidegger (2008, p. 305): “[...] esclarecer a essência da φύσις pela correspondência com a τέχνη fracassa em toda e qualquer direção passível de ser pensada”. Isso se dá porque o saber-fazer da *téchne* não é fundante da *physis* – como o cálculo moderno pensa – mas, pelo contrário, *physis* é o que subjaz a todos os entes e possibilidades. Aristóteles (2009, p. 45) esclarece esse primado da *physis* (193a28): “De fato, assim como se denomina ‘técnica’ aquilo que é conforme à técnica e que é artificial, do mesmo modo, também, denomina-se ‘natureza’ aquilo que é natural e conforme à natureza”. No entanto, no caminho da funcionalidade técnica, a história ocidental passa a ser história do esquecimento do ser, que se coloca como metafísica no entendimento de Heidegger. *Physis* deixa de ser interpretada em sua vigência eclosiva a partir de si mesma e passa a ser compreendida sob a ótica da *téchne* imperante. Esta passa a ser o elemento maquinal que intenta desvelar (*aletheuein*) a natureza. Essa forma de saber-fazer desbrava o que não se constrói por si mesmo, possibilitando a “apresentação” de artefatos (habitações, armas, artes, instrumentos). Trata-se, pois, de promover vigência ao ente pela práxis do produzir (*poiésis*). Como expõe Inwood (2002, p. 181): “*Technik* ‘tecnologia, engenharia, técnica’ vem do grego *techne*, ‘arte’ [...] *Techne* está relacionada com *tiktein*, ‘gerar, dar à luz [prole, frutos]; produzir’ [...] *Techne* contrasta com a *physis*”. Esse contraste acontece porque o técnico (*technites*), o maquinador, o sujeito dos procedimentos, busca revelar os entes, despotencializando a *physis* como presença fundante.

Téchne, travestida de sua originariedade, contrasta com a *physis* porque se torna mecanismo explorador do real. Contudo, em sua origem grega, ela ressalta e eleva a verdade da natureza, isto é, exalta o seu caráter de des-velamento. Essa interpretação se confirma quando Heidegger nos diz:

[...] τέχνη não quer dizer nem “trabalho manual” nem “arte”, nem, de modo nenhum, a técnica no sentido atual, nem significa, em geral, nunca um tipo de realização prática. A palavra τέχνη indica antes um modo do saber. Saber significa: ter visto, no sentido lato de “ver”, que significa: perceber aquilo que está presente enquanto tal. A essência do saber, para o pensar grego, assenta-se sobre a ἀλήθεια, quer dizer, sobre o desencobrimento [*Entbergung*] do ente. (HEIDEGGER, 1998, p. 61)

Nem sempre *téchne* foi uma forma de modulação do real. Em sua gênese, ela serve como um modo de saber solícito aos estímulos da *physis* sem a coação do ente, uma vez

que se permite a doação dos fenômenos como possibilidades essenciais. O aguardar, pois, não tem como escopo probabilizar ou ter expectativa sobre o acontecimento da natureza. O esperar em expectativa é característica da técnica moderna, a partir de dispositivos calculantes, para o controle e a exploração dos recursos globais. Se hoje a técnica assim se comporta, a *téchne*, primordialmente, é um modo de *acolhimento* da iluminação do ser e não o domínio dessa luz. A luz aqui resplandece como *ousía*, vigência ileza às forças do ente, que permite ao humano habitar o mundo e navegar nas possibilidades de sua facticidade.

Physis como ousía

No início do primeiro princípio do pensamento⁵, *ser é physis*. Heidegger elucida que essa palavra indica *ousía* para os gregos. Porém, aqui ela não é entendida como usualmente o foi pela tradição ontológica que a chamou de substância. O seu sentido originário dá a entender aquilo que se encontra defronte, “pois a φύσις é sempre algo assim como um encontrar-se defronte e ‘em’ algo que se encontra defronte” (HEIDEGGER, 2008, p. 272). Portanto, *physis* possui o caráter de entidade (*Seiendheit*) e *ousía* é entendida como *presença*.

Segundo Fernandes:

[...] ser como permanência, como presença constante, sempre vigente, como vigor que reina antes de tudo, que Platão e Aristóteles condensaram na palavra “ousía”. “Ousía” diz o ser do que está sendo, do ente, sua “entidade” [...] Os gregos experimentaram o ser do que é como a vigência do vigente, a presença do presente. O ente é sempre algo que, de alguma maneira, está presente, está aí, vigendo, vigorando, no ser, sendo. (FERNANDES, 2014, p. 127)

Physis como *ousía* é o subjacente, *arkhé* fundamental que dá suporte à eclosão do real. É ela que possibilita o desabrochar da existência, promovendo ser ao ente, isto é, o seu *sendo* constante na presença, na vigência da *ousía*. O ente não é por si mesmo, mas se funda no sítio ontológico do que está presente e, além disso, é constante. Essa é a vigência do ser (*parousía*) no pensamento originário, que indica tanto presença quanto ausência, porque *ser se dá sempre em velamento*: em latência (estado de retração) e patência (estado de manifestação em des-velamento). *Parousía*, para o pensar originário dos gregos, abarca aquilo que foi (passado, *Vergangenheit*), o que se desvela no agora (presente, *Gegenwart*) e o ainda não (futuro, *Zukunft*).

No pensar do primeiro princípio, os gregos concebem ser ora como o postar-se-em-si (*hypóstasis*), ora como o subjacente, aquilo que subjaz, *subiectum* (*hypokeímenon*). Heidegger explicita que as duas concepções se equivalem, já que o escopo delas é uma única e mesma questão: aquilo que se “presenta” a partir de si, o próprio “presentar-se”. O pensador alemão, citando Aristóteles, expressa a frase decisiva sobre a *physis*: “A φύσις deve ser concebida como ούσία, como um modo e uma maneira do ganhar

5 Parece redundante dizer “início do primeiro princípio do pensamento”. No entanto, nas meditações de Heidegger, fica evidente que é assim mesmo que *physis* precisa ser entendida. Ela é o elemento inicial do primeiro princípio do pensar ocidental. Posteriormente, surge a meta-*physis* no platonismo em busca do que possa ser primeiro, original, *a priori*, anterior à natureza e sua fundadora. O projeto ocidental que almeja atingir o fundamento de toda a existência, isto é, o ser originário, é o empreendimento de todo o primeiro princípio do pensamento, do qual fazem parte os filósofos originários. Eles iniciam as reflexões sobre o ser, nomeando esta presença como *physis*.

presença” (HEIDEGGER, 2008, p. 274). Ser (*ousía*) é o próprio “presentar-se” dos entes. Eles, que são a partir da *physis*, o são em mobilidade. Essa mobilidade é um modo do ser, isto é, do “presentar-se”. Destarte, *physis* é compreendida como o ponto de partida da mobilidade. Ela não é considerada aquilo que move mecanicamente como causa eficiente dos entes, mas é o que subjaz, o suporte fundamental para que as coisas possam eclodir a partir de si em sua mobilidade.

Segundo os gregos originários, só há mobilidade na natureza porque há o vigor do ser como presença constante, “que vige de antemão, é anterior, enquanto condição de possibilidade, até mesmo ao sujeito entendido como subjetividade” (FERNANDES, 2014, p. 127). Ser é entendido, pois, como aquilo que, *a priori*, permite a constância do devir (o “presentar-se” e o deixar de “presentar-se” dos entes). Trata-se de uma vigência que não declina porque ser é *ousía*: consistente e permanente.

Acerca da *physis* como presença, Heidegger discute a respeito de outro termo grego que auxilia na compreensão desse texto. Refiro-me à cunhagem, adaptação, constituição (*rhuthmós*), conceito usado pelo sofista Antífon da escola eleata. Segundo ele, apenas a terra, a água, o ar e o fogo são conforme a *physis*. Os elementos têm mais ser por serem puros, isto é, por não sofrerem adaptação ou constituição dos entes. Por exemplo, a pedra é forjada pelo *rhuthmós* do cosmo, assim como uma casa é formada a partir da modulação material por um ou mais sujeitos. Os quatro elementos têm mais ser do que a pedra cunhada pelo cosmo e do que a casa construída pelos humanos. Isso demonstra que, nas últimas cunhagens, há menos ser no ente. Esse caráter mutante do *rhuthmós* se refere àquilo que perdura, no caso a *physis*, por não sofrer constituição alguma de um ente, enquanto a própria natureza forja a totalidade do que advém a partir de sua vigência.

O que é verdadeiramente ente, a partir da concepção de *rhuthmós*, é aquilo que, primariamente, não carece de constituição ou de cunhagem de outro ente, mas apenas de si. É o que permanece constantemente presente na modificação do que é cunhado. Por exemplo, a madeira que constitui uma cama permanece madeira enquanto a cama pode se tornar uma cadeira em outra versão. Na visão de Antífon, cama e estátua são entes apenas na medida em que têm sua estabilidade a partir daquilo que é mais constante, no caso a madeira e o bronze e, mais originariamente, os próprios elementos da *physis*. Para Antífon, o elementar é aquilo que é maximamente ente, isto é, ausente de constituição de outro ente, mas que é subjacente e dá sustento à realidade. Assim, a essência da *ousía* é apresentada em uma direção bem definida. Entes que eclodem naturalmente como as plantas ou aqueles que são produzidos pelo sujeito (utensílios) não satisfazem plenamente à entidade essencial, já que se referem a elementos precedentes.

Entre os filósofos gregos, “primordiais” são os próprios elementos, pois não carecem de cunhagem de outras realidades. O que pode ocorrer é a agregação de cada um deles para formar a realidade e seus respectivos entes. Assim, Tales vê *physis* na água; Heráclito a vê no fogo; Anaximandro, no ilimitado (*apéiron*); Anaxímenes, no ar-ilimitado; Xenófanes, na terra; Empédocles, nos quatro elementos em conjunto; Anaxágoras, nas *homeomerias*; Demócrito e Leucipo, no *á-tomo*. Esses elementos são tidos como defrontes, presentes em simplicidade ou em multiplicidade e, assim, tornam-se entes puros de todos os outros por não sofrerem cunhagens. Por permanecerem sempre

imutáveis e imperecíveis, são compreendidos pelos gregos como os entes verdadeiros, enquanto os outros que são constituídos pelos elementares, perecem constantemente.

Os filósofos da *physis* propõem elementos materiais como o subjacente, o *subiectum*, esta subjetividade⁶ anterior a tudo e que a tudo dá suporte para eclodir. Água, fogo, ar, terra, partículas divisíveis (*homeomerias*) e á-tomos são imanes e maximamente elementares. São *physis* e *ousía* por estarem constantemente presentes sem, contudo, declinarem. Representam, nesse sentido, o próprio ser, que permite que os entes *sejam* e continuem *sendo*.

De acordo com os filósofos da *physis*, *ousía* (presença) é o defronte que não é regido pela *téchne*, pois é desprovida de constituição – assim como o são os quatro elementos. *Ousía* representa potência eterna, pois tudo dela eclode enquanto o que possui *rhuthmós* é limitado temporalmente. O eterno é o indeclinável, aquilo que perdura sem começo e sem fim: a própria *physis*. Esta indica o que dá consistência e sustenta o ente a partir da qual o real se inicia e é. Ao contrário, o “temporal”, o que não é elementar, tem sua duração limitada. Trata-se do ser ilimitado e dos entes *sendo* de forma limitada. Contudo, “o assim chamado temporal significa o que surge e perece *ilimitadamente*; o que se contrapõe ao *áίδιον*, ao ‘eterno’” (HEIDEGGER, 2008, p. 281). Dito de outro modo, para os gregos, até mesmo o ente limitado têm o seu caráter ilimitado: o seu perecer sem limites e sempre de novo.

No *aídion*, tem-se o demorar-se justamente no seu sentido originário de *ousía* como presença, o a partir de si sem qualquer regência por qualquer ente. Heidegger traz o conceito do que surge e perece, presença e ausência (*ginómenon apeirákis*) como aquilo que não tem limites e que funda os entes.

Aqui, a referência feita se dirigiu ao ente. Mas surge a pergunta: o que é o verdadeiro (*Wahre*) ente para os filósofos originários? Segundo Heidegger:

O verdadeiro ente se apresenta a partir de si mesmo e, por isso, já é sempre encontrado aí defronte – *ὑποκείμενον πρῶτον*; o não-ente, ao contrário, às vezes está presente, às vezes ausente, uma vez que só se apresenta fundamentado pelo que já se encontra defronte, isto é, uma vez que se acha *junto* a esse ou dele fica fora. O ente (no sentido do “elementar”) é o “sempre aí”, o não-ente é o sempre-longe, sendo que o “aí” e o “longe” referem-se ao fundamento da presença e não na perspectiva da mera “duração”. (HEIDEGGER, 2008, p. 282)

O verdadeiro ente é aquele que é a medida de si mesmo, o seu próprio fundamento cujo esteio é a presença. O não-ente é aquele que não tem em si o seu princípio do surgir ou do aparecer, do estar fora ou do ausentar-se. Só pode ter presença ou se tornar ausente a partir de outra realidade à qual esteja ligado. No caso da *téchne* como dispositivo funcional, o não-ente só passa a ter o seu surgimento a partir do momento em que o artífice de uma casa, por exemplo, a torna presente e tem a sua ausência na medida em que esse artífice desconstrói a casa, tirando-a de sua versão atual. Mas

6 Subjetividade é o modo originário do existir das coisas, é a *physis* como aquilo que subjaz, que perdura, consistente e vigente, como pano de fundo do ser dos entes. Já a subjetividade, a eguidade, a consciência é um modo que tem seu ser a partir da subjetividade. Quando se diz subjetividade, elucida-se que ser não é definido pelo intelecto do ego, mas indica o *subiectum*, a *physis* como a dimensão originária e fundante dos entes. Cfr. FERNANDES, M. A. *Subjetividade e subjetividade: uma meditação histórico-ontológica a partir de Heidegger*. In: *Revista de Filosofia Princípios*, pp. 121-152, 2014.

Heidegger esclarece que a presença e a ausência do ente não se referem à duração ou à extensão do vir à presença, mas indica a fluência fugidia do vir-a-ser e do deixar-de-ser algo. Não que a casa não seja ente, ela ainda não é ente presente, pois ainda não foi realizada por seu construtor. Outrossim, não que a casa deixe de ser ente quando for desconstruída, mas que deixa de ter sua versão atual de presença quando o for. O *ser dos entes é sempre aí* por ser elementar, enquanto os entes cunhados estão sempre longe por necessitarem de entes presentes para que, também, tornem-se presentes.

Os gregos compreendem que ser ganha presença ao se des-velar. O ser se doa no des-velado, mas imediatamente se retrai, recolhe-se para o velamento. Como elucida Heidegger em *Sobre a essência da verdade* [*Vom Wesen der Wahrheit*, 1930, in *Wegmarken*, 1919-1961, GA 9]:

O velamento recusa o desvelamento à *alétheia* [...] O velamento é, então, pensado a partir da verdade como desvelamento, o não-desvelamento e, desta maneira, a mais própria e mais autêntica não-verdade pertence à essência da verdade. O velamento do ente em sua totalidade não se afirma como uma consequência secundária do conhecimento sempre parcelado do ente. O velamento do ente em sua totalidade, a não-verdade original, é mais antiga do que toda revelação de tal ou tal ente. (HEIDEGGER, 1973, p. 339)

A verdade, para os pensadores originários, é *alétheia*, isto é, um choque constante entre o vigor do des-velamento contra a força da permanência do velado. Essa é a própria essência da verdade, o próprio fundamento do ser. Aqui há uma manifestação ontológica em velamento, mas também há a ocultação sempre em possibilidade de manifestação. Todo e qualquer des-velamento ou velamento que existe na esfera do real não é um produto da determinação dos próprios entes. O surgir e o desaparecer, a verdade e a não-verdade são principais, originárias, mais antigas do que qualquer revelação ôntica⁷, pois indicam o próprio dar-se do ser no real.

Como demonstra Heráclito de Éfeso: *physis krypthestai philei* ("o ser ama esconder-se"). Isso significa que acessá-lo é uma tarefa árdua. Na verdade, é o ser mesmo que nos acessa e só a partir disso temos a permissão para alcançá-lo. O fato é que o esconder-se é preferencial ao ser, é o que o essencial, esse elevar-se no des-velado que ama se retrair. A principal questão para os filósofos originários, o essencial não é desentranhar a *physis*, o ser de seu *krypthestai* (esconder-se, retrair-se). Esses pensadores propõem o que é mais simples: deixar o esconder-se como o pertencer essencial e originário ao ser. Como indica Michelazzo (1999, p. 34): "Para o grego, o ocultamento não possui um significado marginal, acessório na concepção da verdade, ao contrário, ele é sua origem, o lugar de sua procedência". O ocultamento da *physis* só é marginalizado quando o jugo da *idéa* platônica toma espaço na filosofia ocidental.

No início do primeiro princípio do pensamento, a morada do ser, a essência da verdade é des-velamento em retiro: *alétheia*. Esse é um posicionamento distinto do que a metafísica, posteriormente, começou a "construir" no Ocidente, a saber, a verdade como adequação, correção (*Angleichung, Richtigkeit*) e cálculo. O que os pensadores da natureza propõem é que *alétheia* não é um valor, uma ideia, um aspecto que advém do conhecimento ôntico, mas um surgir da *physis* que constantemente se

7 Relativa aos entes.

retrai e se encobre. Ela é condição de possibilidade de todo conhecimento e anterior às representações, modulações e maquinações humanas. Por sua precedência e vigor ontológico que fundam toda a existência ôntica, os filósofos originários experienciaram a *physis* como *thésis* e a trataram com deferência e cuidado. O curso da filosofia no Ocidente, aos poucos, começa a perder a devoção pela natureza. Dessa forma, ela passa a ser violentada e explorada pela técnica. Acontece uma agressiva inversão na ordem das coisas: *thésis* maquinal se impõe e passa a dominar a *physis*. Hoje, esse é o problema que o globo enfrenta. A técnica a cada dia se torna mais colossal e gigantesca e o vigor natural se torna mais diminuto a cada vez.

Considerações finais

No curso deste texto, a discussão girou em torno do princípio fundamental que rege a filosofia grega antes do avanço da ontologia platônica. Evidenciei, a partir da leitura heideggeriana acerca do pensamento antigo, como a *physis* se apresenta enquanto força que, ao se essencializar em retração, proporciona florescimento à existência e a todos os entes que nela habitam. Dizer que *physis* se essencializa é o mesmo que meditar sobre ela como vigência que atua a partir de si mesma, não sendo cunhada por técnica ou modulação de qualquer natureza. Ao contrário, a sua abundância e robustez dão suporte a tudo o que existe e ainda não está presente, mas há de ser no porvir.

Este texto tratou justo sobre a autonomia da *physis*, que não necessita do sujeito para atuar. É o humano que precisa acolher as doações da natureza para poder se nutrir, exercer funções, singularizar-se na história. Ele não se põe privatamente na facticidade da existência: é tetificado, posto por um vigor que o precede e que lhe proporciona vitalidade. Ou seja, *physis* é elã vital, é vida, é potência que faz do sujeito um ente no oceano de possibilidades. O contratempo a esse modo de experienciar a natureza se dá com o passar das épocas. Mesmo entre os gregos, *physis* é rebaixada a acessório, uma dimensão aparente que precisa ser suplantada, tendo-se em vista o que é meta-físico, mais coerente, distante de toda e qualquer aparência. Eis a perspectiva da adequação platônica do pensar. O jugo da natureza se torna ainda mais violento e intenso quando o sujeito moderno declara o princípio da certeza sobre a realidade como mecanismo de segurança para que os acontecimentos naturais possam ser representados. A vontade de poder da subjetividade se torna maximamente assente e a *physis* não é recepcionada como princípio fundamental, mas como reserva permanente que deve ser dominada pela razão. Ela, desse modo, perde o seu caráter autotético, isto é, o seu fluxo autopositional. O sujeito, certo de si e “senhor da terra”, persegue a *physis* e a enclausura na lógica da exploração máxima de recursos globais.

Modernos e pós-modernos parecem esquecer o caráter essencial da *physis*: a sua re-tração, o seu re-torno para si mesma, o chamado repouso da essência. Nos tempos coevos, à natureza não é dado o descanso, a quietude e o silêncio. Energias, potências e riquezas precisam ser retiradas à força da *physis*. Não se espera a sua maturação, a sua convocação para a colheita. A técnica recolhe os frutos da natureza mesmo quando ainda estão medrando. Desvia o leito dos lagos. Transforma o campo em grandes indústrias. Maquina o quanto for possível e posiciona o mundo a seu bel-prazer. O

que resta da *physis*? Ela perde o seu caráter de *ousía*, não é mais o *hypokeímenon*, o que subjaz ao ente. Torna-se, em regra, um objeto a ser capturado cotidianamente.

Heidegger é o filósofo do campo, por isso dá o passo de volta aos gregos originários para meditar sobre a experiência desses pensadores acerca da essência da verdade como des-velamento. É nesse período histórico que Heidegger encontra respeito e cuidado com a *physis*, o que não é possível notar no mundo corrente. O referido autor não só retorna à Antiguidade por questões filosóficas, mas também porque exalta a postura silente e gentil dos filósofos da *physis* em relação à natureza que funda a facticidade humana ininterruptamente. A questão que podemos evocar é: qual será o futuro da *physis*? Ela poderá sofrer contínuos rebaixamentos e exploração na era do hiperdesenvolvimento, hiperdesenvolvimento e hiperculturalidade ou poderá ser novamente reconhecida como elemento fundamental da existência humana quando o globo apresentar escassez de flores e frutos? Só o porvir dirá...

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Física I e II* (Livro II). São Paulo: Unicamp, 2009.

CARNEIRO LEÃO, E. A história na filosofia grega. In: *Scintilla: Revista de Filosofia e Mística Medieval*, Curitiba, vol. I, n. 1, 2004.

FERNANDES, M. A. Subjetividade e subjetividade: uma meditação histórico-ontológica a partir de Heidegger. In: *Revista de Filosofia Princípios*, Natal, v. 21, n. 36, jul-dez, 2014.

HEIDEGGER, M. A essência e o conceito da Φύσις em Aristóteles – Física B, 1. In: *Marcas do caminho*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. A origem da obra de arte. In: *Caminhos de Floresta*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

_____. Ciência e pensamento do sentido. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001c.

_____. *Introdução à metafísica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

_____. Logos (Heráclito, fragmento 50). In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001a.

_____. O que quer dizer pensar?. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001b.

_____. Sobre a essência da verdade. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MICHELAZZO, J. C. *Do um como princípio ao dois como unidade: Heidegger e a reconstrução ontológica do real*. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1999.

CABRAL, A. M. *Nihilismo e hierofania: uma abordagem a partir do confronto entre Nietzsche, Heidegger e a tradição cristã – Heidegger e a polimorfia de Deus*, volume 2. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2015.

ZARADER, M. *Heidegger e as palavras da origem*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

INWOOD, M. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Recebido em: 01/Mai/2019 - **Aceito em:** 02/Ago/2020.